

# AÇÕES SOCIAIS DE EMPRESAS PRIVADAS: FILANTROPIA COMO ESTRATÉGIA DE NEGÓCIOS: O CASO BRASILEIRO<sup>1</sup>

Guadalupe César Ferreira<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Decorridas mais de duas décadas, desde que as políticas neoliberais foram postas em prática nos países capitalistas, já é possível traçar um diagnóstico dos impactos que elas estão causando no campo social, especialmente no Brasil – principal cenário para o estudo do tema proposto.

A abertura dos mercados, que provocou o fenômeno da globalização, estimulou o crescimento econômico de alguns países, mas os resultados desse crescimento não contribuíram para melhorar o bem-estar da sociedade. A primazia dos mercados concentrou poder e riqueza nas mãos de um grupo muito seleto de pessoas, empresas e países, marginalizando outros.

Dados do PNDU indicam que, em diversos ramos industriais, não mais que 12 empresas controlam o mercado mundial. Os países que compõem a Organização Europeia para o Comércio e Desenvolvimento (OCDE) detêm 71% do comércio mundial e 58% do investimento direto estrangeiro. EUA, Japão e Alemanha foram os mais beneficiados.<sup>3</sup>

Em decorrência das novas políticas de ajuste neoliberal e de inovações tecnológicas, o mercado de trabalho sofreu uma profunda transformação, tendo como principais características: aumento dos níveis de desemprego, acirramento da diferenciação interna entre assalariados, retração dos salários, perdas de direitos sociais antes assegurados e a intensificação dos processos de precarização e informalização do trabalho.<sup>4</sup>

Em virtude das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, as desigualdades sociais acentuaram-se, e a pobreza passou a ser o grande desafio do século XXI. Não apenas a “velha pobreza”, historicamente associada aos países pobres, mas a pobreza que se observa nos países de capitalismo avançado. A pobreza deixou de ser um problema apenas dos países pobres para ser de toda sociedade. Enfim, atrelada ao crescimento econômico ocorreu a globalização da pobreza.<sup>5</sup>

Entretanto, num momento em que a demanda por políticas sociais crescem assustadoramente, assistimos à deterioração dessas políticas em benefício da “estabilidade econômica”. Num momento em que o Estado deveria estar revitalizado e em condições de empreender mudanças positivas capazes de reverter a crise social provocada pelo modelo neoliberal, este se apresenta de costas para os problemas sociais. Assistimos a um verdadeiro desmonte do Estado do Bem-Estar Social. Quando políticas sociais se tornam necessárias para frear o crescimento da pobreza e da desigualdade, essas políticas tendem a ser amesquinhas e circunscritas a um número menor de beneficiário.<sup>6</sup>

Se é ao Estado que se dirigem as pressões por saúde, educação, segurança e, atualmente, mais do que nunca, por emprego e renda, o não atendimento de tais demandas pelo poder público provoca na sociedade o descrédito nas instituições públicas e o sentimento contra o Estado. Em contrapartida, cresce o movimento em defesa da organização da sociedade civil para solucionar os

---

<sup>1</sup> Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, sob a orientação da Professora, Mestre, Elsa Sousa Kraychete.

<sup>2</sup> Economista, egressa da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

<sup>3</sup> MENDONÇA, Eduardo Luís de & OLIVEIRA, Jane Souto de. Pobreza e Desigualdade: repensando pressupostos. Observatório da Cidadania Relatório 2001. Op. cit., pp. 90-91.

<sup>4</sup> *Ib.*, p.91.

<sup>5</sup> *Ib.*, p.91.

<sup>6</sup> BARBOSA, Carlos Alonso. A Crise Atual do Estado. Texto para Discussão IE/UNICAMP, Campinas, 65, p. 47, 1988.

problemas sociais. Desta realidade, surge um fenômeno atual que vem atingindo patamares jamais observados: o aumento de ações de filantropia.<sup>7</sup>

Esta situação é resultado da sedimentação da proposta neoliberal de reduzir o papel do Estado no campo social e de promover uma concepção de que o bem-estar é responsabilidade do próprio cidadão, e que cabe à sociedade, através de sua organização, a função de empreender ações sociais para seu próprio benefício. Desta forma, a promoção do Terceiro Setor como composto por organizações mais eficientes e capazes, quando comparadas ao Estado, irá desempenhar um papel importante na realização do projeto neoliberal.<sup>8</sup>

Cada vez mais, ONGs, associações comunitárias, associações de bairros, entidades religiosas, empresas privadas, encontram-se todas envolvidas com algum projeto social. Este é um fenômeno recente que vem despertando a curiosidade e demandando estudos mais aprofundados. Diante desta realidade, onde diversos atores estão engajados no sentido de promover iniciativas privadas para fins públicos, o movimento em defesa da responsabilidade social das empresas privadas surge atrelado à promoção do Terceiro Setor.

Entretanto, o trabalho social prestado pela iniciativa privada não tem a capacidade de causar mudanças tão significativas que permitam a alteração do atual quadro social brasileiro. O ato da empresa investir em projetos sociais está principalmente ligado ao retorno que a atividade de fazer o bem pode trazer à empresa, ou seja, faz parte da ação estratégica das organizações privadas.<sup>9</sup>

Assim, a elaboração de um trabalho científico abordando o tema proposto tornou-se importante, na medida em que se propõe a oferecer subsídios que nos permitam enxergar além das aparências. Ou seja, esclarecer os verdadeiros motivos que estão por trás das ações sociais prestadas por empresas privadas e desmistificar que as empresas agem de forma desinteressada e puramente filantrópica.

## 2. OBJETO DO ESTUDO

As ações sociais de empresas privadas caracterizam o objeto de estudo do trabalho. A investigação desse fenômeno partiu da necessidade de desmistificar o discurso dominante que gira em torno da postura ética da empresa, da consciência e da responsabilidade do empresário frente aos problemas sociais e do potencial que as empresas privadas dispõem para realizarem projetos sociais capazes de ocuparem as lacunas deixadas pelo Estado no campo social.

O movimento em defesa do estado mínimo, resultado da sedimentação do pensamento neoliberal, tornou possível o crescimento de organizações da sociedade civil que anunciam o propósito de reduzir as desigualdades sociais e atuar onde o Estado está falhando. No entanto, o grande problema é que os novos atores, diversos do Estado, não têm capacidade estrutural e financeira de empreender projetos que contemplem toda a sociedade. Além disso, seu poder de atuação é restrito a grupos isolados, e suas ações atendem aos seus próprios interesses.

O desenho da atual conjuntura neoliberal explica o crescimento de valorização do Terceiro Setor. Compreender e aceitar a participação e o trabalho de ONGs e das instituições filantrópicas no universo do Terceiro Setor não é difícil, se tomarmos como pressuposto de que a origem dessas instituições tem por base a organização voluntária da sociedade civil, cujo objetivo gira em torno de causas sociais. Entretanto, como explicar a participação de empresas privadas – atualmente chamadas “empresas cidadãs” – neste mesmo universo? Afinal, essas organizações produtivas existem, não para resolver problemas sociais, porém pelo lucro. Na realidade, as empresas estão “pegando carona” no movimento de valorização do Terceiro Setor e, assim, camuflando os reais interesses que estão por trás de suas ações filantrópicas. A filantropia corporativa descende, principalmente, da expectativa de retorno que ela pode gerar para a empresa.

---

<sup>7</sup> MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e Questão Social: Crítica ao padrão emergente de intervenção Social*. São Paulo: Cortez, p. 232, 2002.

<sup>8</sup> *Ib.*, p.235.

<sup>9</sup> *Ib.* p.213.

### 3. OBJETIVOS

#### 3.1. Geral

Demonstrar as ações sociais de empresas privadas como estratégias de negócios, e não como ações puramente filantrópicas.

#### 3.2. Específicos

Problematizar a redução das políticas sociais do Estado e compreender o crescimento do terceiro setor dentro da lógica neoliberal.

### 4. METODOLOGIA

Para a elaboração do trabalho, apenas foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica. Após os autores consultados, foi possível desenvolver um estudo capaz de dar sustentação teórica ao tema proposto. Com o objetivo de criar as condições necessárias para compreensão do fenômeno estudado, houve a necessidade de iniciar o trabalho a partir da análise da formação do *Welfare States*, desde sua formação até a crise, e o surgimento e sedimentação da teoria neoliberal. Concluída esta fase, foi possível desenvolver a análise do movimento do Terceiro Setor como fenômeno inserido na lógica neoliberal de redução do papel do Estado no trato das questões sociais, e só após este estudo é que o trabalho entra no seu tema central: **Ações Sociais de Empresas Privadas**. Entretanto, com todas as informações já oferecidas, tornou-se fácil esclarecer e compreender a proposta do trabalho – que é provar que o poder de atuação das empresas é meramente marginal e sem a pretensão de causar mudanças estruturais que permitam transformar a atual realidade brasileira. Além do mais, fazer o bem gera retorno financeiro para a empresa.

### 5. RESULTADOS

O trabalho alcançou os objetivos propostos, pois encontrou nas bibliografias consultadas as informações necessárias para dar sustentação teórica aos seus questionamentos.

A apresentação da pesquisa Ação Social das Empresas, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, tornou possível comprovar o tema proposto. Essa pesquisa abrangeu um universo de mais de 700 mil empresas das regiões Sudeste, Sul e Nordeste. O trabalho demonstrou que a atuação se concentra no Sudeste, que as empresas maiores investem mais em projetos sociais que as menores, que em todas as regiões predominam as atividades de Assistência Social, e que elas não têm a menor intenção de substituir o Estado.

A finalização do trabalho, expondo as principais informações contidas na pesquisa do IPEA, não deixa dúvida quanto ao resultado esperado desde a fase inicial do trabalho: a construção do tema. Assim, concluímos que oferecemos subsídios que nos permitiram enxergar além das aparências.

As ações das empresas não são suficientes para o desafio de reversão do quadro de concentração de privilégios, de poder e de renda no Brasil. Embora existam trabalhos sociais de qualidade prestados por empresas privadas, eles geram benefícios apenas para a comunidade-alvo do projeto, ou seja, esse tipo de serviço não pode ser considerado como substituto ao trabalho do Estado. Além disso, é fundamental compreender que a postura de investir em ações sociais é parte da estratégia da empresa que visa, com essa atitude, à oportunidade de agregar valor ao seu produto.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Carlos Alonso. A Crise Atual do Estado, IE/UNICAMP, Texto de Discussão, 65, Campinas, 1988.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Pesquisa Ação Social das Empresas / Resultados Comparados. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/a\\_social](http://www.ipea.gov.br/a_social)>. Acesso em: 2 jan. 2003.

MONTAÑO, Carlos. Terceiro Setor e Questão Social. In: \_\_\_\_\_. **Crítica ao padrão emergente de intervenção Social**. São Paulo: Cortez 2002, p.288.

OBSERVATÓRIO DA CIDADANIA RELATÓRIO 2001. Rio de Janeiro: ultra-set. Anual. ISSN 0797-986X.